

COMENTÁRIOS SOBRE A DIVULGAÇÃO DE OBRAS CRÍTICAS

Welton da Silva Cordeiro
weltonscordeiro@hotmail.com

Nestes comentários teremos alguns exemplos de textos divergentes do que fora originalmente redigido pelo seu autor. Estes servirão de parâmetros para nossas críticas pelo descuido quanto à edição de clássicos da literatura nacional e, ainda, para introduzir o ponto central desta comunicação: a falta de divulgação da produção de obras críticas.

É uma revelação cotejar o Dom Quixote de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (Dom Quixote, primeira parte, nono capítulo): “... *la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertência de lo por venir.*”

Redigida no século XVII, redigida pelo “engenho leigo” Cervantes, esta enumeração é um simples elogio retórico da História. Menard, em contra partida, escreve: “... *la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertência de lo por venir.*” (BORGES, 1999, p. 56)

O texto original de Cervantes é reescrito pelo personagem borgiano, Menard. Nesta nova composição notamos que o autor não modifica o texto original, mantendo a integridade palavra por palavra, vírgula por vírgula, ponto por ponto.

Deste cuidado não obtiveram muitos de nossas obras em suas reedições e, até mesmo, em edições. Ocorreram e ocorrem, em nossas editoras, erros de revisão e de transcrição que deturpam a originalidade textual.

A transmissão do legado cultural que em suas épocas, nossos autores, nos deixaram foram perdendo-se pelo tempo nas constantes reedições que sofreram suas obras. O descuido das editoras fez com que a ciência de reconstrução textual se permanecesse viva, com im-

portantíssima figuração em nossos meios científicos. A edição de textos críticos faz-se presente em nossos meios de pesquisas literárias.

Este trabalho, crítica textual, tem seu valor por encontramos, ainda, em diversas obras atribuídas aos nossos autores, divergências nos textos, as quais não condizem com o texto originalmente escrito.

Por falta de critérios editoriais recebemos, nós consumidores, obras com textos incoerentes do que realmente fora redigido, perdendo-se, muitas das vezes, a real entonação que o autor atribuiu a seu enunciado, chegando até a supressão de frases inteiras por descuido dos editores, e algumas revisões equivocadas que alteram a significação real do texto.

Entendendo que um texto modificado, conscientemente ou inconscientemente, dá possibilidades para interpretações equivocadas a proposta da produção do autor, afirmamos que a edição crítica de textos é uma atividade incontestável quanto a sua importância.

Há diversos casos de livros, amplamente divulgados e lidos, que se encontram redigidos com imperfeições. Estas acarretam a uma interpretação equivocada do objetivo pretendido pelo autor na feitura de sua obra. Citaremos alguns desses equívocos editoriais, nos restringindo a três edições de uma única obra do autor José de Alencar; e numa edição crítica das poesias em português de José de Anchieta, contrastada com citações presentes em um artigo científico.

Numa edição de *Iracema*, encontramos passagens em que a edição comete impropérios a real significação que o autor pretendia submeter a sua composição.

Na edição da editora Edigraf S.A percebemos as seguintes passagens contrastadas com a edição do Instituto Nacional do Livro, texto organizado com colaboração da Companhia Aguiar Editora, transcrito da edição crítica publicada em 1948 pelo próprio Instituto Nacional do Livro.

O primeiro contraste encontra-se no parágrafo inicial do texto que assim transcrevo:

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba! EDIGRAF. (ALENCAR, [s.d.], p. 11).

VERDES MARES bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. (ALENCAR, 1965, p. 83).

Há diferenças na pontuação dos parágrafos. Enquanto a edição da Edigraf opta pelo uso da exclamação, a edição crítica traz o uso do ponto e vírgula.

Sabe-se que a pontuação exerce um importante papel na construção textual. Ela exerce poderes sintáticos, semânticos e melódicos na feitura das frases e parágrafos.

O erro de edição que comete a editora EDIGRAF tem consequências quanto ao entendimento do parágrafo produzido, pois as funções do ponto e vírgula e do ponto de exclamação são diferentes entre si.

Segundo o professor Sacconi:

“O ponto-e-vírgula marca pausa maior que a da vírgula e menor que a do ponto.” (SACCONI, 1990, p. 422); e “O ponto de Exclamação marca uma pausa e uma entonação não uniforme, e seu emprego está mais afeto à Estilística do que à Gramática”. (*Idem*, p. 426)

Aparentemente, o que poderia ser um pequeno erro traz resultados graves ao real significado do texto.

Caso, outro, de erro de pontuação:

Ainda a sombra cobre a terra, já o povo selvagem colhe as redes na grande taba e caminha para o banho. O velho Pajé que velou toda a noite, falando às estrelas, conjurando os maus espíritos das trevas, entra furtivamente na cabana. (ALENCAR, [s.d.], p. 18)

Ainda a sombra cobre a terra. Já o povo selvagem colhe as redes na grande taba e caminha para o banho. O velho Pajé que velou toda a noite, falando às estrelas, conjurando os maus espíritos das trevas, entra furtivamente na cabana. (ALENCAR, 1965, p. 97).

Nestas duas citações as divergências na pontuação são bem acentuadas, pois a troca de uma vírgula por um ponto implica em compreensões diferentes entre os parágrafos citados.

Porém não só de erros de pontuação vivem e se editam nossos clássicos. Infelizmente encontramos transgressões maiores, como ci-

taremos a seguir, no entanto não traçaremos mais comentários sobre elas, deixando para o leitor a atividade de conferir as diferenças citadas.

–Tua rede, virgem dos tabajaras, será minha companheira no deserto; venha, embora, vento frio da noite, ela guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema. (ALENCAR, [s.d.], p. 26)

–A tua rede, virgem dos tabajaras, será minha companheira no deserto; venha, embora, vento frio da noite, ela guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema. (ALENCAR, 1965, p. 113).

Omissão do artigo definido *A* no livro da Edigraf.

–Vai, guerreiro ingrato; vai matar teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema te seguirá até os campos alegres onde vão as sombras dos que foram. (ALENCAR, [s.d.], p. 37)

–Vai, guerreiro ingrato; vai matar teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema te seguirá até os campos alegres onde vão as sombras dos que morrem. (ALENCAR, 1965, p. 132).

Eufemismos, na troca do vocábulo *morrem* por *foram*.

–Tu ordenas, Poti fala. Antes que o sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças; a estrela morta o guiará, porque a inúbia dos pitiguaras rugirá da banda da serra. (ALENCAR, [s.d.], p. 39)

–Tu ordenas, Poti fala. Antes que o sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças; a estrela morta o guiará às alvas praias. Nenhum tabajara o seguirá, porque a inúbia dos pitiguaras rugirá da banda da serra. (ALENCAR, 1965, p. 136)

Falta de uma parte do texto, que é: “às alvas praias. Nenhum tabajara o seguirá”.

–A luta das flores vai nascer. É o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passam a noite no bosque sagrado e recebem do Page os sonhos alegres.

Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos de Ipu, e os olhos de Iracema, mas sua alma, não. (ALENCAR, [s.d.], p. 39).

–A lua das flores vai nascer. E o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passam a noite no bosque sagrado e recebem do Page os sonhos alegres. Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos de Ipu, e os olhos de Iracema, mas sua alma, não. (ALENCAR, 1965, p. 136).

Troca de vocábulo: *lua* por *luta*, e uma mudança de significação do ponto continuativo passando a parágrafo.

–Iracema!

A floresta destilava suave fragrância e exalava harmoniosos arpejos; os suspiros do coração se difundiram nos murmúrios do deserto. Foi a festa do amor e o canto do himeneu. (ALENCAR, [s.d.], p. 46).

–Iracema!

Era o cálido do companheiro; a cerva, arrufando-se, ganhou o doce aprisco.

A floresta destilava suave fragrância e exalava harmoniosos arpejos; os suspiros do coração se difundiram nos murmúrios do deserto. Foi a festa do amor e o canto do himeneu. (ALENCAR, 1965, p. 150-151).

Um parágrafo, inteiro, foi omitido da obra: “*Era o cálido do companheiro; a cerva, arrufando-se, ganhou o doce aprisco.*”.

Além dessas divergências encontramos várias outras, que por economia não citaremos, entretanto daremos mais uma série de citações comparativas entre a obra editada pelo Instituto Nacional do Livro e a mesma obra editada pela Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Os mesmos problemas apontados na primeira comparação persistem nesta outra. Como veremos, na citação a seguir, as divergências quanto à pontuação:

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jasjeie a bonança mares de leite. (ALENCAR, 2006, p. 11).

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga! Soprem para ti as brandas auras, e para ti jasjeie a bonança mares de leite! (ALENCAR, 1965, p. 84)

Pontuação totalmente diversa, que dá sentido diferente ao texto original, o comentário sobre pontuação já fora feito anteriormente e não nos prolongaremos mais neste ponto. Nas citações notamos a troca de exclamação por ponto e ainda a não utilização da vírgula onde ela existia.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiriçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada. (ALENCAR, 2006, p. 12)

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiriçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada. (ALENCAR, 1965, p. 87)

Agora, a substituição do ponto simples por um ponto parágrafo é notada nestas passagens.

A alva rede que Iracema perfumava com resina do benjoim guardava-lhe um sono calmo e doce.

O cristão adormeceu ouvindo suspirar, entre os murmúrios da floresta, o canto mavioso da virgem indiana. (ALENCAR, 2006, p. 17).

A alva rede, que Iracema perfumava com a resina do benjoim, guardava-lhe um sono calmo e doce. O cristão adormeceu ouvindo suspirar, entre os murmúrios da floresta, o canto mavioso da virgem indiana. (ALENCAR, 1965, p. 96)

Continuam as transgressões na pontuação, com supressão da vírgula e mudança de ponto simples para parágrafo.

—É preciso para salvar o irmão branco; Poti zombará de Irapuã, como zombou, quando combatiam cem contra ti. (ALENCAR, 2006, p. 17).

—Assim é preciso para salvar o irmão branco; Poti zombará de Irapuã, como zombou, quando combatiam cem contra ti. (ALENCAR, 1965, p. 137).

A diferença entre as duas passagens está na falta da palavra *assim*, no começo do parágrafo.

—A alma do guerreiro branco não escutou sua boca. Poti e seu irmão só têm uma vida. (ALENCAR, 2006, p. 17).

—Não foi a alma do guerreiro do mar que falou. Poti e seu irmão só têm uma vida. (ALENCAR, 1965, p. 153)

Nestas duas citações estão bem claras e expostas as diferenças de uma frase inteira conflitante entre o texto crítico e a edição não crítica.

Os viajantes dormem em Uruburetama. Quando o Sol voltou, chegaram às margens do rio, que nasce na quebrada da serra e desce a planície enroscando-se como uma cobra. (ALENCAR, 2006, p. 59).

Os viajantes dormem em Uruburetama. Com o segundo sol, chegaram às margens do rio que nasce na quebrada da serra e desce a planície enroscando-se como uma cobra. (ALENCAR, 1965, p. 163).

O que diferencia os parágrafos transcritos é a troca de “*com o segundo sol*”, por “*quando o Sol voltou*”. Modificação que traz diferenças entre a interpretação do que está sendo expresso.

Depois que partiram do Soipé, os viajantes atravessaram o rio Pacoti, em cujas margens cresciam as frondosas bananeiras balançando os verdes penhascos; mais longe o Iguape, onde a água faz cintura em torno dos cômodos de areia.

Além assomou no horizonte um alto morro de areia que tinha a alvura da espuma do mar. O cabo sobranceiro aos coqueiros parece a cabeça calva do condor, esperando ali a borrasca, que vem dos confins do oceano. (ALENCAR, 2006, p. 61).

Depois de partirem do Soipé, os viajantes atravessavam o rio Taiba em cujas margens vagavam bandos de porcos-do-mato; mais longe, corria o Cauípe, onde se fabricava excelente vinho de caju.

No outro sol viram um lindo rio que surgia no mar cavando uma baía na rocha viva.

Além assomava no horizonte um alto morro de areia que tinha a alvura da espuma do mar. O cabo sobranceiro parece a cabeça do condor, esperando ali a borrasca, que vem dos confins do oceano. (ALENCAR, 1965, p. 165).

Nos novos exemplos podemos identificar diferenças gritantes, as quais vão da omissão de um parágrafo, a divergência quase que total na descrição da cena, além de troca de palavras como as do nome dos rios, que no texto em que a fidelidade com o original está nomeado por: *Taiba* e na outra edição que notamos e provamos não ter toda esta preocupação, nomeia-se por *Pacoti*.

Comparemos, agora, a edição crítica *As Poesias de Anchieta em Português* de José de Anchieta, pela editora Antares em convênio com o Instituto Nacional do Livro Fundação Nacional Pró-Memória, com um artigo científico intitulado *A poesia “lírica” de Anchieta*.

Observemos as seguintes estrofes:

Oh! Que pão, oh! Que comida
oh! Que divino manjar,
se nos dá no santo altar,
cada dia!

(ANCHIETA, 1983, p. 52)

Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia!

(ANCHIETA, *apud* BRANDÃO, p. 7)

Observa-se que na organização crítica de Leodegário A. de Azevedo Filho e Silvio Elia o estabelecimento da interjeição *oh!*. Já na citação pertencente ao artigo de Roberto de Oliveira Brandão encontramos o *ó*, que sem o uso da letra h e do ponto de exclamação não se caracteriza como uma interjeição de surpresa, desejo, repugnância, tristeza, dor, repreensão; e sim um chamamento ou interpelação.

Em outra passagem:

Esta divina fogaça
é manjar de lutadores,
galardão de vencedores
esforçados.

(ANCHIETA, 1983, p. 52)

esta divina fogaça
é manjar de lutadores,
galardão de vencedores
esforçados,

(ANCHIETA, *apud* BRANDÃO, p.7)

Problemas de pontuação, pois troca um ponto por uma vírgula. Notabilizando diferenças textuais.

Outra comparação:

Como vem guerreira
a morte espantosa,
Como vem guerreira
e temerosa!

(ANCHIETA, 1983, p. 64)

Como vem guerreira
a morte espantosa!
Como vem guerreira
e temerosa!

(ANCHIETA, *apud* BRANDÃO, p.10)

Troca de uma vírgula por um ponto de exclamação, diferenciando a entonação que se deve ter ao ler o texto.

Agora com o poema *O Pelote Domingueiro*:

Por querer ser mais subido,
não fez conta do pelote;
O seu neto, sem capote,
jaz nas palhas, encolhido,
para ser restituído
ao pobre do moleiro
seu pelote domingueiro.

(ANCHIETA, 1983, p. 82)

Por querer ser mais subido,
não fez conta do pelote.
O seu neto, sem capote,
jaz nas palhas, encolhido,
para ser restituído
ao pobre do moleiro
seu pelote domingueiro.

(ANCHIETA, *apud* BRANDÃO, p. 11)

Nesta nossa ultima comparação encontramos a troca do ponto e vírgula por um ponto fato que, também, modifica o sentido do texto.

Analisando esta intensa comparação, verificamos o quanto é incoerente as edições de nossos clássicos, pois na primeira parte comparada, a fizemos com uma edição antiga e o texto crítico e encontramos muitas divergências. A edição da editora Edigraf, pela sua apresentação, um livro de capa dura- com a foto de José de Alencar em alto relevo- trazendo, ainda, duas obras num mesmo volume, Iracema e Ubirajara, com algumas ilustrações bem acabadas, dando a entender ser um livro de texto confiável. Porém o que encontramos, em nossas comparações, foram transgressões ao texto original.

Na segunda comparação, de uma edição mais atual da obra datada de 2006- feita pela Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., encontramos ainda outras transgressões e o que podemos des-

tacar, ainda, deste segundo estudo, é que esta obra está amplamente difundida, por conta de seu preço acessível. Nossos leitores, desinformados, consomem estas obras, as quais dizem conter (vem escrito isto logo em sua capa) o texto integral, não se tratando então de uma adaptação, entretanto, o descuido pela originalidade do texto faz com que o leitor fique de posse de uma obra inverídica.

No caso da comparação entre as poesias de Anchieta, encontramos uma grave falha por se tratar de um artigo científico, o qual deve primar pelo texto o mais original possível para que suas análises sejam bem empregadas, entretanto, na comparação, verificamos que o texto escolhido não teve a edição crítica como parâmetro para sua composição.²⁸

Observamos a utilização de uma obra não crítica em meio universitário, o qual se deveria ter uma divulgação e um cuidado maior pelo uso de edições preocupadas com a veracidade dos textos analisados, ou seja, o uso de edições críticas.

A solução destes problemas está na edição de obras críticas, que segundo Ruy Magalhães de Araújo:

Edição crítica é a reconstrução de um texto viciado, imperfeito e defeituoso em sua transmissão, com base na comparação dos diferentes estados em que se encontra o mesmo nos vários exemplares apresentados, aproximando-o, tanto quanto possível, daquele que o autor considerou definitivo. (ARAÚJO, p. 2)

Entretanto a divulgação desta modalidade de edição é precária, além de o custo ser mais elevado, do que a produção de uma obra descuidada.

Vele perguntarmo-nos o seguinte:

Que divulgação fazemos das incoerências vistas nas obras que não tem o mesmo cuidado das edições críticas?

Há informação profunda no meio acadêmico sobre estes problemas editoriais, e sobre a solução dos mesmos com a produção de obras críticas?

²⁸ ANCHIETA, S. J. José de. *Poesias*. Transcrição, traduções e notas de M. de L. Paula Martins. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. Apesar de a edição ter sido baseada nos textos originais de Anchieta, não se tratou de uma edição crítica.

Infelizmente as repostas para estas perguntas não são boas. Notamos uma falta de informação quanto à autenticidade de textos, e também sobre existência de produção de obras críticas.

Verificamos que no ensino fundamental e médio, onde os professores cobram leituras de seus alunos, não há a preocupação com a edição a que seus alunos estão sendo expostos. Pede-se que o estudante leia dada obra, como, por exemplo, *Iracema*, porém não há uma preocupação para o tipo de edição que estará sendo oferecida a esse discente.

Geralmente, o aluno opta por comprar o livrinho mais atual, e de menor valor. Notamos em nossas comparações que este caminho pode ser ruim, pois ao compararmos a edição feita pela Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., encontramos várias impropriedades que desfiguram o texto original.

Perguntamos então:

Seria um preciosismo por parte do docente, em nível fundamental e médio, apresentar a seus alunos obras críticas e os problemas das nossas edições “comuns”?

Acreditamos que não, e sim entendemos ser uma forma de promover este tipo de produção e preparar o aluno a tornar-se um leitor mais apurado e consciente.

Chega-se ao ensino superior, em nossas graduações, e o corpo discente, em sua maioria, desconhece a existência de obras críticas, e do trabalho de reconstrução textual.

Se ao divulgarmos no ensino médio e fundamental tal tipo de edições textuais, teremos um reforço de conhecimento por parte dos alunos de graduação sobre este tipo de trabalho, e talvez um convencimento e uma valorização das obras críticas.

A divulgação de obras críticas, no entanto, ainda se restringe as pós-graduações, aos pesquisadores, ficando o leitor comum, iludido com uma obra que não é verdadeiramente o que seu autor preferido teve como ideia de expor.

Notamos um descaso com a divulgação destas obras, talvez motivado pelo fator econômico que para uma ampla reedição traria

elevados custos de estudos na reconstrução dos textos “defeituosos”, e com a desinformação do público leitor-consumidor não se faz pressão para a feitura de obras comprometidas com o resgate da memória de uma sociedade, já que, esta, tem como preocupação a restituição de textos literários ao projeto idealizado pelo autor, buscando legitimar uma escrita de determinada época.

Eventos como este Jornada de Ecdótica, ajudam na divulgação de tal trabalho científico de nossos editores críticos, e nos trazem a tona problemas e discussões sobre este tipo de estudo. Entretanto, ainda notamos uma falta de divulgação mais relevante e incisiva.

A motivação desta comunicação nasceu dessa desinformação, e pela nossa experiência em notar, lamentavelmente, em alguns colegas de profissão um total desconhecimento a cerca das editorações críticas e também não críticas, acreditando em informações inverídicas contidas em obras que deveriam ser mais bem cuidadas. Prometemos, em nosso resumo, um “grito” e imaginamos termos na verdade proferido um “sussurro”, todavia temos a esperança de que o mesmo possa ter sido ouvido, e que seja transmitido em sua integridade.

Esperamos que num futuro próximo, nossas obras críticas ganhem maior popularidade com uma divulgação mais precisa e comprometida.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de. *Iracema e Ubirajara*. São Paulo: Edigraf, [s/d.]
- _____. *Iracema*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.
- _____. *Iracema*. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1965.
- ARAÚJO, Rui Magalhães de. Os fundamentos teóricos da crítica textual. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/snctet/anais/09.htm>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de, ELIA, Silvio. *As poesias de Anchieta em português: estabelecimento do texto e apreciação literária*. Rio de Janeiro: Antares Universitária, 1983.

BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999, v. 1.

BRANDÃO, R. O. *A poesia lírica de Anchieta*. São Paulo: Via Atlântica, v. 2, p. 130-143, 1999.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria*. São Paulo: Atual, 1990, v. 11.